

SOBRE A IGNORÂNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: formas e efeitos¹

Raymundo de Lima

Resumo: Com um estilo ensaístico, o texto propõe analisar algumas formas de ignorância na sociedade contemporânea, denominada pela ideologia empresarial de “sociedade do conhecimento”. A perspectiva do autor é a psicanálise conectada com alguns pressupostos da educação e da sociologia. As formas de ignorância são: a ignorância por ingenuidade; a “douta ignorância”; a ignorância intencional contra o conhecimento sistemático; a ignorância da escola, os modismos pedagógicos e o relativismo curricular; a ignorância do especialista; a ignorância na internet; a ignorância do superego pós-moderno. Esta última é tomada não propriamente como ignorância, mas como ambiguidade psicossocial de nossa época trouxe consequências explosivas para a sociedade em 2005 na França e em 2011 em Londres.

Palavras-chave: Ignorância. Conhecimento sistemático. Educação. Psicanálise. Ignorância. Superego pós-moderno.

Há verdadeiramente duas coisas diferentes: o saber e crer que se sabe; em crer que sabe reside a ignorância. (Hipócrates).

Sábio é o homem que chega a ter consciência da sua ignorância. (Barão de Itararé).

Com frequência, a desgraça humana evitável é causada menos pela estupidez do que pela ignorância, sobretudo pela nos ignorância sobre nós mesmos. (Carl Sagan).

Introdução

Podemos analisar a complexidade da sociedade contemporânea pela profusão de informações, muitas das quais são descartadas, tanto pela sua inutilidade, ambivalência ou falta de consistência. Nesse sentido, é verdade que vivemos numa “sociedade da informação”² ao invés de “sociedade do

¹ Este texto é uma profunda revisão do que foi publicado na revista eletrônica, n.120, maior/2011, incluso no dossiê “Psicanálise & Educação”, organizado pelo Prof. Dr. Sérgio Sklar. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/506>>

² O sociólogo alemão, Robert Kurz (2002), considera que o atual discurso da “sociedade do conhecimento” esteja sendo usado como sinônimo de “sociedade da informação”. Ou seja, aqui,

conhecimento”, visto que no mundo globalizado predomina a informática, as redes de telecomunicação digitais, os grandes investimentos para mais e mais inventar novas mídias e delas serem produzidos novos modos de vida egocentrados no virtual e não mais na realidade concreta. O mundo virtual é cada vez mais dominado pelo brilho das imagens parece produzir uma nova caverna platônica, que fascina com o branco-brilho das telas, de acordo com a parábola desenvolvida no livro de José Saramago e visualizada no filme de Fernando Meirelles “Ensaio sobre a cegueira”. Neste mundo em que todos podem ver e serem vistos, em que todos podem falar-e-escrever e ouvir-ler mensagens parece gerar um novo tipo de ignorância branca ou ignorância iluminada.

O termo empresarial “sociedade do conhecimento” faz parte do discurso ideológico contemporâneo fundado no fascínio ao mundo globalizado, em redes de comunicação digitais e sofisticados controles eletrônicos de diversos centros urbanos e tráfegos em geral, que, obviamente, não promovem o conhecimento em todos os seguimentos da sociedade. Ou seja, o efeito da sociedade do conhecimento, ou melhor, da sociedade da informação, é ambíguo: tanto pode propagar o conhecimento como pode bloquear o acesso de pessoas e grupos, portanto, geram formar de ignorâncias das quais trataremos neste texto.

O sujeito humano constitucionalmente dividido, refiro-me ao sujeito psicanalítico (Consciente e Inconsciente), nasce com potencialidades para conhecer a si próprio e o mundo ao seu redor, mas este acesso ao conhecimento é desde cedo barrado tanto por forças subjetivas como por forças externas ao psiquismo. Esta duplicidade de forças exige de cada um considerável esforço do sujeito-desejante, para ascender à condição de ser humano esclarecido³. Noutros termos, ser *homo sapiens* em nossa época não garante a plena superação da ignorância que apresenta várias formas que o desafiam, desde a antiguidade até a modernidade tardia, marcada pela complexidade e incertezas. Embora vivamos numa sociedade carregada de informações e de conhecimentos novos e antigos, a verdade é que muitos seres humanos se posicionam à margem de ambas e, assim, fora da possibilidade do esclarecimento.

existe um reducionismo do conhecimento sistemático para a informação que é produzida em larga escala, nos causando confusão entre ambas e um sentimento de maravilhamento diante da internet, celular, inteligência artificial, etc.

³ Usamos, aqui, o sentido empregado por Kant: esclarecimento alemão *Aufklärung* [ver mais à frente].

Aristóteles já afirmava que todo homem aspira conhecer e ser feliz. Será ainda verdadeira esta afirmação na nossa época? Porque na sociedade contemporânea podemos constatar que todos desejam primeiro ser feliz e falar-falar-falar através dos meios eletrônicos, mas poucos se interessam em adquirir conhecimento sistemático filosófico ou científico e meditar sobre os fundamentos históricos e culturais em que os mesmos são produzidos.

Em nossa época existem autores que afirmam exatamente o contrário de Aristóteles: “não nascemos gloriosamente para aprender, e nem temos uma natureza pronta para isso, como defenderiam alguns ideais educativos [...]”, escreve o psicanalista Marcelo Ricardo Pereira (2011). Leny Mrech (1999) também observa existir em nossa época uma “paixão da ignorância”, cujos efeitos alienantes são imprevisíveis. Isso vale tanto para indivíduos, grupos e a sociedade, principalmente quando se encontram em estado pleno de paixão (fanatismo religioso) ou de transe grupal ou coletivo. A pessoa [em transe] não mais parece presa às necessidades da razão silogística’. Nesses estados, “a distinção entre causa e efeito pode desaparecer, a noção de tempo pode tornar-se relativa, opostos podem co-existir e não parecer contraditórios...” (LUDWUING apud WOOD, 1985).

Vale lembrar que, em 1783, Immanuel Kant (1985) se perguntava: “será que vivemos numa época esclarecida [*Aufgeklärten*]?” Ao que ele responde negativa e distintamente: “Vivemos, sim, numa época de esclarecimento (em alemão, *Aufklärung*)”. Mas, infelizmente, muitos vivem na obscuridade. Trazendo esta observação para a nossa época supostamente esclarecida, por exemplo, no campo da saúde pública, vemos que muitos optam ou renegam ser esclarecidos. Temos a impressão que “todos” estão suficientemente informados e prevenidos sobre as causas da obesidade, ou sobre pandemia causada pelo vírus H1N1 (gripe suína), sobre a relação do mosquito *aedes aegypti* com a doença dengue, etc; portanto, supomos que tais informações e conhecimentos sejam de domínio público, mas não são. Tanto é que a imprensa continuamente reforça alertas cujo sentido é gerar prevenção, mas um número considerável de pessoas não escutam ou não processam tais informações em conhecimento prático, e daí aumentar a probabilidade de doenças advindas da ignorância. No caso da gripe H1N1, a ignorância parece estar a falta de hábito de higienizar as mãos, evitar

aglomerações, espirrar no antebraço. Observações e enquetes indicam que até mesmo estudantes universitários deixam de lavar as mãos e/ou higienizá-las com álcool antes de fazer suas refeições no restaurante universitário. Caberia lhes perguntar: por que o conhecimento transformado em informação não produz esclarecimento com força de hábito de higiene?

Evidentemente, os universitários não são representativos da sociedade contemporânea, mas eles podem ser tomados como parâmetro de “pessoas esclarecidas” e ao mesmo tempo “ignorantes”. Por que a ignorância ainda encontra terreno propício para o seu alastramento na sociedade da informação e do conhecimento?

Essas observações nos orientam no sentido de levarmos a sério um pensamento sobre a ignorância em nossa época complexa e ambígua. Aqui, consideraremos oito formas de ignorância: a ignorância por ingenuidade, a “douta ignorância”, a ignorância intencional ou resistente ao conhecimento, a ignorância na escola, o “aburrimento” dos professores, a ignorância na internet, a ignorância do especialista: alguém que “sabe tudo sobre nada” e a ignorância produzida pelo superego pós-moderno.

1. A ignorância por ingenuidade

Esta é a ignorância original ou básica. Trata-se da ignorância que vem associada ao conhecimento do senso comum, popular, ingênuo, assistemático. “Ignorar é não saber alguma coisa. A ignorância pode ser tão profunda que sequer a percebemos ou a sentimos, isto é, não sabemos que não sabemos, não sabemos que ignoramos” (CHAUI, 2000, p. 90).

Ou seja, é ignorância ingênua se a pessoa “não sabe, não sabe que não sabe; e não tem culpa de não saber”. Ou seja, ela “não sabe” – ignora – por falta de instrução ou por um déficit constitucional (cegueira física ou psíquica, surdez, falta de paladar, inteligência insuficiente, moralismo, fanatismo). Em nossa época existem pais que ignoram ser sua responsabilidade educar os filhos ou levar os filhos para vacinação, por exemplo.

A partir da década de 1970, caberia aos pais a responsabilidade de matricular os filhos na escola, que se encarregaria da educação deles. A despeito

das críticas, a Lei 5692/1971 propiciou acesso de todos à escola de oito anos⁴, calculando assim diminuir tanto o número de ignorantes no Brasil como fornecer acesso da nova geração ao conhecimento sistemático, portanto, ela valorizou a cidadania. No entanto, tal Lei cometeu um equívoco ao associar ensino sistemático (escolar) com educação (que deve ser responsabilidade da família e é anterior ao ensino escolar). Alguns pensadores da educação nacional contribuíram para reforçar a ideia equivocada da escola como “educadora” da nova geração, cujo efeito danoso foi a desobrigação dos pais em educar os filhos.

Existem pais que não sabem (ignoram, esquecem) sobre seu dever de levar os filhos para vacinar⁵ ou proceder a hábitos básicos de higiene. É o caso de se perguntar “quem educa estes pais?”, para efetivamente serem educadores dos seus filhos?

Parece que se estes pais fossem instruídos sobre a prevenção de doenças, aumentaria seu esclarecimento e senso preventivo, e também sua cidadania. Trata-se de um tipo de ignorância prejudicial à saúde pública. Essa ignorância atinge tantos as pessoas ditas normais como as comprometidas com alguma patologia. No primeiro caso, estão as pessoas simples ou sem instrução escolar. No segundo, estão os portadores de algum tipo de patologia: os loucos, os dependentes das drogas ou álcool, ou portadores de alguma deficiência⁶.

⁴ A Lei 5692/71, extinguiu os chamados cursos primário e ginásial, que passaram a ser o primeiro grau, com oito anos de ensino obrigatório, sob responsabilidade dos pais e do Estado (LIMA, 2005).

⁵ Como era elevado o número de pais que “se esquecem” de levar os filhos para serem vacinados, foi preciso o governo impor uma obrigação: para matricular as crianças na escola os pais devem apresentar carteira de vacinação. Esta ignorância dos pais foi maior, nos tempos em que o governo adotou autoritariamente medidas preventivas extraídas da medicina sanitária da época, o que desencadeou a revolta popular contra a vacinação obrigatória antivariólica, ocorrida no Rio de Janeiro em novembro de 1904. Esta revolta contra a vacinação à primeira vista parece ser movida apenas por ignorância. Na análise de José Murilo de Carvalho (1987), seu aspecto mais interessante é que a “revolta da vacina” *não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus*. Os dois lados estavam certos, ou os dois estavam errados, dependendo do ponto de vista. “[...] Paralelepípedos revolvidos, que serviam de projéteis para essas depredações, coalhavam a via pública; em todos os pontos destroços de bondes quebrados e incendiados, portas arrancadas, colchões, latas, montes de pedras, mostravam os vestígios das barricadas feitas pela multidão agitada’. A ‘multidão agitada’ combatia a polícia atirando, jogando pedras, ou o que tivesse à mão, atacava delegacias, quartéis, casa de armas, postos de saúde, destruía bondes e postes de iluminação. Assustado, o governo convocou batalhões sediados em Niterói, Lorena e São João Del Rei” (CARVALHO, 1987).

⁶ O nosso ordenamento jurídico prevê a “inimputabilidade relativa” nos casos em que um crime é cometido por ignorância: indígenas, retardados mentais e loucos. Portanto, a moral religiosa cristã tende a perdoar essa forma de ignorância porque “eles não sabem o que fazem e não têm culpa de não saber”. Mas, existem aqueles que sabem e mesmo assim continuam fazendo, por exemplo, maldades. Este ato é considerado por Žižek (1990) como “moral cínica”.

A tomada de consciência sobre sua ignorância e os danos por ela causados tendem a provocar frustrações e reações imprevisíveis de ataques de raiva ou fúria destrutiva, como foi a revolta da vacina. No meio jurídico costuma-se recorrer à discussão sobre a imputabilidade destes atos, isto é, quando os estados especiais da consciência e patologias psíquicas têm poder de suspender o bom senso e a razoabilidade, e daí a imprevisibilidade das reações individuais ou de grupos.

Assim, as crianças atendidas pela Super Nanny, os trabalhadores estressados em estado de burnout, entre outros, expressam-se de modo ingênuo ou em fúria. É como se eles não soubessem o porquê reagem com ignorância. [Perdão, eles não sabem o que fazem, diz o Cristo]. Na verdade, muitos pais e crianças atendidos pela Super Nanny verdadeiramente não sabem o que fazer para efetivamente educar os filhos. É como se aqueles pais de hoje vivessem uma ignorância combinada com covardia, para exercer sua autoridade de pai ou de mãe, saber dizer 'não', criar hábitos e disciplinas básicas, etc.

2. A “douta ignorância”

Nicolau de Cusa pensou a *douta ignorância*, no século 15. Coube a Jacques Lacan, no século 20, resgatar esta ideia visando desenvolver uma lógica sobre a posição do psicanalista. Assim, a “douta ignorância” no campo psicanalítico, diz respeito aos limites do conhecimento racional, mais exatamente é a produção de um “outro conhecimento” não-racional que obedece a uma “outra lógica”, a do inconsciente. Sinaliza que o psicanalista não se faz pelo título, nem pelo conhecimento de toda a obra de Sigmund Freud, mas sim, pelo paciente que supõe que o analista sabe-tudo-sobre-ele.

Na verdade, o psicanalista nada sabe sobre o seu paciente. E mesmo sobre ele próprio, seu saber é mínimo, daí a recomendação (ética) de ele proceder a sua psicanálise pessoal. Diz que o analista deve se alfabetizar sobre o seu inconsciente para poder ler o inconsciente alheio; que ele deve considerar seu desejo de analisar o seu próprio inconsciente, como meio de diminuir sua ignorância sobre seus conflitos e tendências.

Mannoni (1989) formulou o inconsciente como “um saber que não se sabe”. Assim, o esforço do analista para mais que ouvir, deve aprender a escutar

“flutuamente” o seu paciente e testar sua habilidade de manejar a transferência. Desta escuta flutuante deve emergir um estilo próprio de “como” dizer ao paciente o que faz sentido. O aprendizado do analista implica de ele, por um lado testar as construções de sentido e, por outro, suportar não cair na tentação de fazer análise ‘selvagem’ (FREUD, 1910). Ou seja, o trabalho analítico consiste num longo processo de superação da ignorância sobre si e sobre o outro. Mas este esforço para diminuir sua ignorância se depara com o impossível, visto nossa condição demasiadamente humana de nunca saber tudo.

A “douta ignorância” sinaliza ao psicanalista humildade no posicionamento clínico. Sinaliza em ato não poder efetivamente ajudar como o paciente pode falar, porque cada um *fala* como pode, até saber “dizer”. Cabe ao psicanalista respeitar a regra fundamental, que apenas sugere ao paciente falar-e-falar sobre sua história de vida, sobre o seu sofrimento, sobre qualquer assunto, para assim ser escutado e poder enfrentar suas resistências internas. As sessões de psicanálise servem para produzir um saber-que-não-se-sabe, um saber in-sabido (em alemão, *Unbewusste* = “não-sabido” = Inconsciente). Isso só acontece se o psicanalista se posiciona como um sujeito “zerado” de preconceitos e até de conhecimentos teóricos *a priori* da experiência clínica. Tal atitude constitui mais um princípio da ética da clínica psicanalítica, que está ancorado na ideia da “douta ignorância”.

A psicanálise é um método clínico que leva o sujeito a conhecer mais sobre si próprio, a saber em três tempos: “rememorar, repetir e elaborar”, que o faz título ao artigo de Freud, publicado em 1914. Então, saber como funciona o seu inconsciente, por um lado, deixa o sujeito menos ignorante de si próprio; e por outro lado, deixa o sujeito mais consciente sobre como poderia aproveitar este saber-que-nada-sabe para viver melhor. O neurótico, por exemplo, é tanto vítima da ignorância de “não saber” o “in-sabido” (inconsciente), como é refém da angústia e da compulsão à repetição que o impedem de dar um salto na sua qualidade de existência.

Esse tipo de ignorância positiva (do psicanalista, que lembra o posicionamento de Sócrates) também é chamado de pseudoignorância. Sócrates nos ensina com sua humildade que nada sabe, mas que pode vir a saber. É este posicionamento de ignorância positiva que pode conduzir um sujeito no caminho da sabedoria. Ainda que tal sujeito (psicanalista, paciente) não ambicione ser filósofo

socrático, ainda que viva “desaprendendo” ou “goste de coisas desinteressantes”, é um caminho de possibilidades de como podemos extrair um saber do nosso psiquismo. Pode-se extrair este saber num processo terapêutico, ou num esforço de estudo, ou no registro de impressões poéticas como é “O livro das ignorâncias” de Manoel de Barros (1997), entre outros.

3. A ignorância intencional ou resistência ao conhecimento sistemático

“Desejar não saber” ou “não conhecer sobre algo”, pode ser decorrente dos mecanismos de defesa do ego cuja função principal é proteger as representações recalçadas. Desse modo, a ignorância é intencionalmente produzida pela consciência, mas é efeito da intenção egóica, que protege o sujeito de uma possível catástrofe se ele tiver acesso a este saber.

Fora do campo intrapsíquico ego x inconsciente, o sujeito convive com o mundo das coisas concretas (extrapsíquico). Diante de mundo extrapsíquico lhe cabe escolher saber ou não saber, e também saber e não saber. Como em nossa época existem informações em abundância, cada sujeito aprende o quanto suporta de informação, ou que tipo de informação lhe causa saturação imediata. Lembrome de um amigo que me disse evitar assistir filmes, porque lhe causa muito impacto emocional. E um colega disse em público algo parecido, mesmo com documentários. Também um conhecido jornalista ao comentar sobre uma pesquisa disse que teremos que fazer “dieta de informação”, porque as pessoas estão se tornando obesas de informação, a maioria sem utilidade e sem sentido.

A ignorância torna-se intencional, em alguns casos: (a) para regular um equilíbrio de entrada, uso e saída do sujeito. Nesse sentido, o sujeito escolhe com sabedoria o que lhe ele necessita, faz bem, e o que deve rejeitar saber. No fundo, todos fazem isso cotidianamente ao escolher filmes, programas de TV, notícias, leituras, etc. (b) pode ser uma opção intencionalmente consciente de ignorar algo. Por exemplo: alguém que opta não fazer psicoterapia ou não ser analisado por um psicanalista, ainda que por recomendação médica ou por necessidade imperiosa de saber mais de si próprio para viver melhor um capítulo da sua existência sexual, amorosa, de trabalho, etc. Este tipo de opção realizada pelo sujeito parece dizer a si próprio e aos demais: “não quero saber nada de mim”.

A opção não-querer-saber, aqui, indica um posicionamento pessoal. Mas a mesma pode acontecer na dimensão coletiva. O sociólogo Zygmunt Bauman escreve rapidamente sobre ignorância no campo coletivo:

Afinal de contas, é duro conviver com a aquisição e ampliação do conhecimento, na sociedade da informação [sociedade líquida], se exprime melhor hoje não por sua capacidade de gerar *cada vez mais a certeza no agir, mas sim graças a tendência de aumentar nosso campo de ignorância, de dúvida, de incerteza e de contingências*” (BAUMAN, 1999a apud ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2009, p. 72) [itálico meu]. Em outros termos, o impetuoso conhecimento do novo conhecimento e não menos rápido envelhecimento do conhecimento prévio [anteriormente acumulado] *se combinam para produzir ignorância humana em grande escala e para reabastecer continuamente, talvez até ampliar, o estoque* (BAUMAN, 2007, p. 156). [itálico meu].

Ainda no campo coletivo, temos os atos que deveriam ser obrigatoriamente civilizados *made in* educação ou treinamento, e infelizmente não são. Por exemplo, um cidadão resistente para usar o cinto de segurança do automóvel ou que insiste usar celular ao dirigir, reproduz ignorância intencional. Ele sabe que não usar cinto de segurança e atender ao celular dirigindo seu veículo motorizado, arrisca vidas. Então, por que intencionalmente ignora? Ainda que ele justifique sua falha usando falsos argumentos, ou usar o argumento sofisticado de estar sendo “efeito da ambiguidade da sociedade liberal-permissiva, pós-moderna, líquida, etc”, ele deve ser responsabilizado pela condição de sujeito responsável por escolha consciente e seus efeitos.

Até que ponto a reeducação deste sujeito pode diminuir este tipo de ignorância? Devemos dizer o que ele já sabe, que faltas assim aumentam a possibilidades de acidentes de trânsito, causam mal-estares, desafiam as pesquisas, a lei e a ética de amor ao próximo?

O mesmo se pode dizer dos adolescentes que, mesmo estando numa fase de transição para o mundo adulto, revelam resistências para adquirir hábitos de civilidade: cumprimentar, pedir desculpas, bons modos à mesa, respeito para com o próximo, etc. Outro exemplo é um pai ou mãe displicentes com vacinação dos filhos ou para eles fazerem psicoterapia. Ainda que justifiquem a falha, ser contra sua religião ou não acreditar em tratamento psicológico, ambos revelam ignorância intencional sobre sua responsabilidade de pais e os benefícios da vacinação e da

psicoterapia. Nesta mesma linha de exemplos, décadas atrás ouvíamos pessoas dizerem em tom de vaidade que nunca foram ao médico ou dentista.

Assim, a ignorância intencional ou escolhida pode desencadear efeitos danosos para todos. Talvez este tipo de ignorância seja a forma mais equivocada, porque se sustenta em opiniões [gr.: doxa], convicções pessoais ou de grupos, preconceitos e pseudociência, do tipo “não acredito nisso”, “o que sei me basta”, “não sei e tenho raiva de quem sabe”. Era frequente no cotidiano da década de 1980 ouvirmos pessoas reproduzindo automaticamente a frase “não quero nem saber”, indicando autossuficiência e arrogância. Ainda hoje, com os conhecimentos difundidos em larga escala como informação midiática, nas escolas e no boca-a-boca, há mulheres que se recusam fazer exames preventivos de câncer de útero, homens que evitam fazer o teste que detecta câncer de próstata, e pais que autorizam seus filhos desenvolverem maus hábitos de alimentação, sedentarismo, desperdício etc.

Até mesmo pessoas de nível superior podem demonstrar ignorância intencional, quando se recusam conhecer o pensamento de um autor, tornado estereótipo. Estima-se que a maioria dos assinantes da TV “fechada” tende a assistir os canais abertos e programas de baixa qualidade. Desse modo, o assinante televisivo desperdiça a oportunidade de ampliar seu conhecimento, assistindo documentários e entrevistas com conteúdo filosófico ou literário, filmes fora da indústria cultural, comparar os noticiários, enfim, parece que o hábito ou recusa reforça a tendência de ignorância intencional.

A repetição à compulsão da ignorância em geral, sem dúvida, leva o sujeito à alienação e pode causar danos a si próprio e aos seus próximos. Podemos entender a alienação da ignorância intencional como algo mais que um simples não-querer-saber, no fundo, está em jogo os mecanismos de defesa, sobretudo o da negação⁷ que atua como uma “tentativa imperfeita de desligar o eu (ego) da realidade. Ainda, esta alienação não deve ser reduzida ao sentido marxista, porque trata-se de um modo de ser do sujeito adquirido por influência da ambiguidade que

⁷ Usamos o termo “recusa” (em alemão, Verleugnung), como uma “tentativa imperfeita de desligar o eu (ego) da realidade; instauram-se duas atitudes opostas, independentes uma da outra, levando a uma clivagem do eu”. Assim, a ‘recusa’, que não seria muito perigosa na vida psíquica da criança, seria o ponto de partida para a entrada do adulto na psicose. (cf.: LAPLANCHE & PONTALIS, 1970, p.562; CHEMAMA, 1995, p. 186-7).

caracteriza nossa época, analisado por Bauman (1999). Noutros termos, seguindo o sociólogo polonês, não se trata de considerar tal ignorância como “isto ou aquilo”, mas sim, de considerá-la sendo “isto e também aquilo”, ou seja, ela faz parte das práticas da cultura liberal-permissiva e líquida, cujos fenômenos são ambivalentes: porque o sujeito que ignora um conhecimento ou ação não é “todo” ignorante. Sua resposta ignorante se enquadra numa forma de existência perfeitamente possível dentro do universo de possibilidades da nossa cultura marcada pela ambiguidade.

Para a psicanalista e professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Leny Mrech (1999, p. 90- 91),

esta posição [que ignora intencionalmente] pode ir se extremado a tal ponto que os sujeitos adquiram uma “paixão pela ignorância”, isto é, não só eles não querem saber, como acabam tendo raiva daqueles que querem saber. Com isso o sujeito é levado ao ponto mais baixo do saber [...]. O que há por trás do saber levado ao seu mínimo? Há o gozo. O gozo enquanto uma satisfação pulsional e paradoxal que leva o sujeito a viver o pior, a manter um circuito de vida onde não haja mudança. Onde não haja investimento energético, onde haja apenas um cotidiano que continuamente se repete⁸.

A paixão pela ignorância começa através da resistência do sujeito para ler e para estudar dentro e/ou fora da escola, bem como participar dos eventos culturais que promovem o crescimento do sujeito, exercitar os argumentos em debates, etc. Como sabemos a origem da palavra paixão, vêm do grego *pathos* (sofrimento), que recentemente funda na medicina o termo *patologia* (doença). No campo psicanálise, a psicopatologia é o estudo das doenças ou transtornos psíquicos. A experiência da clínica psicoterapêutica alerta que quanto mais tempo uma pessoa convive com um sintoma (depressão, por exemplo), mais cresce a probabilidade de ela não procurar ajuda profissional. Esta evidência clínica leva Freud a pensar na hipótese do “benefício secundário da doença”, que é entendida pela “transformação da relação do sujeito com o seu sintoma”.

Tal sintoma é sentido inicialmente como um corpo estranho (ou hóspede indesejável, segundo outra metáfora utilizada por Freud), mas, em seguida, o psiquismo acaba encontrando meios próprios de tirar mais vantagens dele, além da satisfação pulsional que [...] proporciona (QUINET, 1991, p.100).

⁸ A paixão pela ignorância tende a levar ao elogio da ignorância. Assim, o historiador Jaime Pinsky (2009) observa que o elogio da ignorância, em nome de um suposto princípio democrático, anarquista, libertário, anti-intelectual, antiburguês, reforça em si próprio a imagem de alguém ignorante, arrogante e incapaz de confrontar o saber do Outro com o seu saber supostamente melhor.

A “estrutura de alienação do saber” (sic), termo desenvolvido por Leny Mrech (1999), sustenta principalmente o modo de ser fanático. Lembrando o autismo, o fanático vive numa espécie de bolha impermeável a tudo que possa lhe proporcionar informação e conhecimento consistentes. Assim, determinados hábitos, rituais, obrigações, slogans, palavras de ordens, são fragmentos que estruturam o seu pensar, o que deve escutar, dizer e o que fazer em um determinado momento; ele se torna assim um sujeito sujeitado a não viver o todo da existência. O fanatismo religioso⁹ ou político é um tipo de escolha de vida norteada pela paixão (fanática) que é cega para a totalidade.

3.1 A ignorância intencional na educação

A ignorância intencional parece adentrar a escola contemporânea. Uma pesquisa¹⁰ detecta que 40,3% dos alunos brasileiros de 15 a 17 anos, não têm interesse para aprender, e por isso abandonam a escola, enquanto 27,1% saem por razões de trabalho e renda. Descarta-se, portanto, a ideia de que a maioria dos alunos não retorna à escola porque precisa trabalhar, é ilação do pesquisador. Claro, ainda que consideremos a existência de muitos alunos que não retornam à escola porque precisam trabalhar, a pesquisa aponta que um número significativo de alunos não gosta de estudar, aprender não constitui um atrativo em si para ele, falta-lhe perspectiva sobre o que fazer com conteúdos aprendidos, enfim, são fatores que contribuem para seu fracasso escolar. Por seu lado, os professores foram formados para um tipo ideal de aluno predisposto para o aprendizado escolar, que estabelece transferência positiva para com o lugar do mestre, portanto, estes professores não sabem lidar com novos estilos de alunos que não veem

⁹ A substituição das escolas laicas pelas madrassas ou centros de doutrinação religiosa realizado pelos Talibãs, no Afeganistão, talvez seja o exemplo mais emblemático de um governo que fez opção pela ignorância. Neste governo fundamentado na letra do Corão, o fanatismo levou ao extremo de queimar em praça pública: livros, rádios, TVs, fitas, até pipas. Não são só os fanáticos religiosos que odeiam o conhecimento sistemático e laico; também os sistemas totalitários de direita ou esquerda odeiam tudo que expressa cultura. “Quando ouço a palavra cultura tenho vontade de por a mão no meu revólver”, disse um nazista do alto escalão do governo de Hitler. Quando os livros começaram a ser queimados pelos nazistas, Freud teria dito: houve um pequeno avanço, porque antigamente eram queimadas as pessoas. Curiosidade: os fundamentalistas religiosos excluem o conhecimento sistemático, mas não necessariamente a tecnologia. Os fundamentalistas islâmicos, judaicos e cristãos usam celulares, assistem à televisão, viajam de carro e avião, como também fazem uso da tecnologia para atos de terror.

¹⁰ Pesquisa do economista, Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, em 2009.

sentido em aprender os conteúdos escolares. Por vezes, também são alunos negadores da função docente. Confrontada a este respeito, uma Secretária da Educação, responde com uma pergunta: “Como convencer um aluno assim a ficar na escola? Mesmo amarrando-o na cadeira, não vai adiantar”.

Se for verdade que a escola é a única instituição capaz de evitar a barbárie, na previsão de Adorno (1995), quando uma pessoa escolhe não aprender, não conhecer, aumenta a probabilidade da ignorância, com efeitos na alienação frente ao mundo, de fanatismo com possibilidade de cometimento de atos de barbárie. Nesse sentido, foi equivocado o discurso do filósofo da educação, Ivan Illich, na década de 1970, por uma “sociedade sem escolas”. Ainda que ele se utilizasse do recurso da ironia ou do cinismo visando causar impacto de discussão, o efeito desta proposta poderia causar mais danos à sociedade, porque sociedade sem escolas, literalmente, já existem. Uma sociedade sem escolas só pode ter um povo ignorante. Ainda que seja um povo dotado de sabedoria popular ou tradicional, é ignorante quanto ao conhecimento sistemático. As sociedades cujas escolas são fundadas em princípios religiosos, que negam o conhecimento racional e sistemático representam alienação (no sentido marxista) e atraso na população. O mesmo se pode dizer também das escolas cujo ensino é fraco, defasado ou insuficiente¹¹.

A escola, com todas as falhas de organização e de resultado, é um valor inquestionável na sociedade moderna e contemporânea. Mesmo se ela reproduz a estrutura das classes sociais, conforme o estudo de Bourdieu e Passeron (1975), cabe ao currículo escolar ser crítico, e aberto à discussão e revisão. No mínimo, a escola tem o dever de não ignorar as contradições sociais bem como seus reflexos, como é seu dever instigar nas novas gerações tomadas de consciência e ação pelo direito ao conhecimento sistemático. Ora, ainda que seja realidade a escola ser

¹¹ Escola que produz “saber insuficiente” é aquela que ensina “conteúdos defasados” ou que ensina um “conhecimento único” que é direcionado por uma determinada ideologia religiosa ou laica. Escolas denominadas de madrassas, do Afeganistão e Paquistão, não proporcionam esclarecimento genuíno, porque os alunos apenas repetem o livro sagrado Corão, portanto, ignoram o ensino dos conhecimentos filosóficos e científicos. Também no mundo ocidental o fundamentalismo cristão também ignora ou censura alguns assuntos investigados pela ciência. Sugiro ver o filme *O vento será tua herança* (*Inherit the Wind*). Existem 4 versões deste filme: 1960, 1965, 1988, 1999. Prefiro a última versão, dirigida por Daniel Petrie. Este filme tem como ponto de partida a lei que proibia a escola ensinar a Teoria da Evolução de Darwin, num estado norte-americano, na década de 1920, que causou grande polémica naquele país, repercutindo até os nossos dias. O termo fundamentalismo foi forjado nesse período, nos Estados Unidos.

“reprodutora” dos valores burgueses, seria uma insensatez eliminar as escolas da sociedade.

4. A ignorância da escola: um paradoxo

4.1. Ignorância produzida pela escola

No livro “A produção da ignorância na escola”, Freitas (1991) escreve: “Um dos pressupostos fundamentais é que, ao contrário do que se pensa, [nossa] escola não promove o conhecimento, mas produz ignorância” (p.13). Alguns dados: em 2007, o Brasil ocupa o 37º lugar em compreensão de leitura na faixa dos 15 anos. Em 2010, o ranking do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos)¹², mostra o Brasil em 57º lugar em leitura, 53º em matemática e 53º em ciências. Ainda reconhecendo que houve melhora no ensino praticado no Brasil, não há como negar que nossa escola produz ignorância em ciências, matemática e leitura. Também foi amplamente divulgado pela mídia que 60% dos brasileiros não têm hábito de ler; cerca de 40% dos professores da educação básica não leem sequer um livro por ano.

Esses dados denunciam que o ambiente escolar é também dominado pela ignorância de não ler, não aprender e não querer fazer autocrítica. Uma pesquisa apontou que os pais brasileiros estão satisfeitos com a qualidade de ensino-aprendizagem dos filhos. Isso demonstra que estes pais ignoram o baixo rendimento de nossa escola e desconhecem o nível de ensino-aprendizagem de mais de cinquenta países que se encontram à frente do Brasil. Nossa cultura – e inclusive nossa cultura escolar – permite a reprodução do preconceito dirigido aos

¹² O Pisa busca medir o conhecimento nestas áreas do saber com estudantes de 15 anos de idade, em 65 países membros da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Em 2010, foi dada ênfase na leitura deste ranking. O desempenho dos alunos brasileiros teria melhorado em relação aos anos anteriores, mas é vergonhoso em relação aos demais países, como a China (Xangai), que participou pela primeira vez do Pisa, e obteve a melhor pontuação em matemática, ciências e leitura, ou seja, o primeiro lugar. A Coreia do Sul conquistou a segunda melhor colocação, com 539 pontos, seguida da Finlândia, com 536, considerada a melhor escola do mundo. O score brasileiro subiu 16 pontos (de 396, em 2000, para 412, no ano passado); estamos acima da Argentina (58º), Panamá (62º) e Peru (63º), mas ficamos abaixo do Chile (44º), Uruguai (47º), México (48º) e Colômbia (52º).

alunos CDF, aos leitores contumazes¹³ e aos compradores compulsivos de livros¹⁴. Até professores não escapam deste preconceito.

A ignorância em não ler e não estudar, presente no nosso país, parece ter sido herdado do senso comum de antigamente que dizia que “ler muito fica bobo”. Uma recente pesquisa divulgada na imprensa revela que um número significativo de nossos alunos de ensino médio e superior não possuem biblioteca em suas casas. Desde os cursinhos pré-vestibulares, as apostilas, os resumos substituem os autores originais. Nas universidades brasileiras predomina a cultura da fotocópia que dispensa o estudo do livro. Isto é, desde a escola o aluno aprende a ignorar o saber genuíno ou original. E na universidade é possível encontrarmos alunos formados em pedagogia, sociologia, psicologia, história, sem constituir uma biblioteca própria.

¹³ Existe uma ambiguidade na leitura. Rubem Alves (2001), inspirando-se em Arthur Schopenhauer “Sobre livros e leitura” alerta que: (a) ler demais impede o leitor viver a vida real; (b) ler em excesso boicota a capacidade de “pensar por conta própria”. “Esse é o caso de muitos eruditos: leram até ficar estúpidos. Porque a leitura contínua, retomada a todo instante, paralisa o espírito ainda mais que um trabalho manual contínuo, já que neste ainda é possível estar absorto nos próprios pensamentos” (ALVES, op. cit. p. 57-58). A leitura compulsiva tende a alienar (lat. *alius*): faz o sujeito ficar-fora-de-si ou caminhar num mundo que não é seu, mas sim do outro. Também Umberto Eco, numa entrevista à revista francesa *Le Nouvel Observateur*, distingue erudição e ser culto. Diz: “Erudição não é cultura, mas uma sua forma particular e secundária. Cultura não é saber a data de nascimento de Francisco 1º. Ser culto significa antes de tudo saber que ele foi um rei da França no Renascimento e qual era o papel da França no contexto europeu da época. Quanto à sua data de nascimento, a cultura permite encontrar essa informação, se temos necessidade dela”. Pierre Bayard (2007) resgata esta distinção realizada por Eco ao conceber a leitura ‘indisciplinada’ contribuindo para a formação do sujeito culto; enquanto a leitura mecânica, compulsiva, visa armazenar dados, palavras e frases na memória, contribui somente para acumular uma mente enciclopédica ou memorialista, isto erudito. Nesse sentido Bayard (op.cit) sutilmente diz que “a não-leitura não é a ausência de leitura”, porque as pessoas cultas não se sentem na obrigação de ler todos os livros, mas sim, de saber onde situá-los no conjunto dos livros clássicos e da importância deles para nossa formação intelectual. Então, “ser culto é ser capaz de se situar rapidamente dentro de um livro, e essa ação de se situar não implica lê-lo integralmente, muito pelo contrário”. (BAYARD, 2007, p. 35).

¹⁴ O bibliófilo José Mindlin considerava a compulsão de ler e comprar livros de “loucura mansa”. “Por quê? Porque a gente fica mesmo envolvido com uma compulsão quase patológica de procurar livros, de comprá-los e, naturalmente, de lê-los. Algumas pessoas têm biblioteca como coleção, não como parte da vida. Sem ter a leitura como objetivo principal, a biblioteca não tem sentido para mim” (2007). Se for considerada doença, “é uma doença muito peculiar, diferente das outras doenças, porque faz a gente se sentir bem, ao invés de se sentir mal. Não faz mal a ninguém e, além de tudo isso, é incurável” (MINDLIN, 2004).

4.2. Modismos pedagógicos e relativismo curricular: solo fértil da ignorância escolar contemporânea

Bernard Charlot (2008, p.23) lança um alerta sobre os modismos pedagógicos da atualidade que autorizam o aluno a decidir ir ou não estudar na escola. Ora,

Se [ele] não quiser, recusando-se entrar na atividade intelectual, *não aprenderá, seja qual for o método pedagógico da professora* [...] O conceito de relação com o saber implica o de desejo: não há relação com o saber senão a de um sujeito; e só há sujeito 'desejante'. Cuidado, porém: esse desejo é desejo do outro, desejo do mundo, desejo de si próprio; e o desejo de saber (ou de aprender) não é senão uma de suas formas, que advém quando o sujeito experimentou o prazer de aprender e saber (CHARLOT, 2000, p. 81). [grifo meu].

Um modismo pedagógico considerado pós-modernista é para flexibilização dos currículos. Veiga Neto (2002) é um dos críticos da flexibilização das grades curriculares, dos horários, dos cronogramas escolares, deixando os alunos decidirem o que estudar – e não estudar. “Essa ‘liberdade’ dada ao aluno de escolher e montar o seu currículo pressupõe [...] uma relação de consumo entre sujeito e oferta de mercadorias” (VEIGA-NETO, 2002, p. 182).

A flexibilização moderno-líquida e a lógica do consumo adentrando o espaço-tempo escolar, faz com que a escola seja um lugar em que o conhecimento sistemático é relativizado, isto é, ele perde seu valor específico; e também as relações que nela ocorrem são minimamente duradouras, em que “cada um pode se sentir como se estivesse em casa, mas não deve ser comportar como se estivesse em casa” (ALMEIDA et al, 2009, p. 81). O efeito danoso deste tipo de flexibilização moderno-líquido ou pós-modernista, é a redução dos códigos de convivência a um mínimo. A escola assim constituída torna-se um lugar irrelevante e esvaziada de sentido para a nova geração de alunos. Um dos efeitos nocivos deste tipo de escola [líquida] é sua displicência de ensinar a civilidade, deixando os alunos livres para falar e agir como bem entendem.

Esse assunto merece uma pesquisa mais aprofundada, mas desde já levanto a hipótese de que a nova geração de alunos são vítimas do sistema de ensino que reproduz ambiguidade: discursa sobre a importância do ensino e ao mesmo tempo não sabe o que ensinar e como transmitir os conhecimentos imprescindíveis.

Possivelmente a crescente violência na escola tão divulgada pela mídia poderia ser explicada como uma reação não-consciente de certo tipo de aluno ao papel ambíguo da nossa escola. Talvez os atos de desrespeito em relação aos professores e os danos causados ao patrimônio da escola pública, por exemplo, não devessem ser explicados por um único viés, porque se trata de uma reação violenta e equivocada: por um lado, pode ser ignorância e, por outro, também pode ser sintoma do mal-estar presente na escola contemporânea.

5. O “aburrimiento” e “habitus” dos professores

Trata-se de um termo castelhano desenvolvido por Alicia Fernández (1994), que não tem uma tradução adequada em português. Aproxima-se do nosso “aborrecimento”, mas falta-lhe o sentido de “fazer-se burro”, de “apagar a máquina desejante-pensante”, de procurar “saber mais”. Parece que os professores são propensos ao “aburrimiento”, isto é, “acreditam-se vazios”, “fechados para algo que não lhes interessa” ou demonstram uma fadiga para exercitar o pensamento, e, principalmente, a imaginação. “Onde há *aburrimiento* há a sensação de desconexão, de um vazio, de buraco e, como este buraco se faz intolerável, chega alguém com algum produto da indústria do entretenimento montada justamente para escapar do vazio”, observa a autora. Os queixumes repetidos dos “companheiros de sofrimento”, os professores, é o *aburrimiento* que se confunde com a ignorância para saber e ser algo mais.

Entendo que professor/a não comprometido/a com a leitura sistemática, o investimento da pesquisa e o debate racional estaria na condição de *aburrido/a*. Primeiro, porque desconsidera a leitura como meio de acesso ao saber e à cultura. Segundo, porque tenta passar a ideia de que o investimento na leitura não é tão necessário para a formação do sujeito¹⁵.

Então, estar na condição de *aburrimiento* é o mesmo que viver uma forma de ignorância, que é especialmente perigosa no meio de ensino. Perigosa porque apequena a alma do professor, lembrando o poema de Fernando Pessoa. E um

¹⁵ As pessoas cultas sabem identificar um “flagrante de delito de incultura”, que as incultas ignoram. Para Pierre Bayard (2007), a cultura é antes de tudo uma questão de “orientação” (sic). Isto é, ser culto não é ter lido este ou aquele livro, é saber se orientar no conjunto dos livros e saberes. Ser culto é estar em condições de situar cada elemento em relação aos demais

professor cuja alma se faz anã não deveria estar no sistema de ensino porque ele pode contagiar os alunos.

* * *

O campo da universidade contemporânea há décadas trocou o investimento de “formação do sujeito” (do grego *Paidéia*), pelo treinamento para uma profissão apropriada à medida do mercado ou para a pesquisa em ritmo produtivista. Lembrando Bachelard, que afirmava que a ciência se desenvolveu contra o senso comum, pode-se dizer que também a universidade contemporânea caminha contra a sabedoria. Os professores doutores podem ser especialistas no seu objeto de estudo, e estão afiados na razão instrumental para pensar e usar o mesmo no campo acadêmico, mas falta-lhes sabedoria prática. Conforme analisa Pierre Bourdieu (1983; 2004), o pesquisador universitário é refém do *hábitus* do seu grupo e faz parte do campo de batalha simbólica que se tornou a universidade produtivista. O ambiente universitário produtivista contemporâneo carece de sabedoria, por exemplo, para o cultivo de conversas cultas, esclarecedoras, inspiradoras.

O ambiente social universitário, atualmente, além de ser competitivo é carregado de deveres “voluntários”, porque o sistema não obriga, mas os próprios se obrigam a “publicar para não perecer”. O superego universitário discursa contra o sistema, mas age a favor do sistema produtivista. Por isso que os professores-doutores da nossa universidade estão longe de serem cultos ou intelectuais. Eles querem ser *experts* em algum assunto, que é legítimo, mas reproduzem um estilo distinto do estilo intelectual. O especialismo jamais irá ocupar o prestígio e a cultura do intelectual dos anos 1950, 60, 70.

Os alunos universitários hoje são vítimas deste tipo de professor-especialista de um único assunto. Este tipo de aluno doutrinado termina displicente quanto a desenvolver sua cultura geral. Ser “culto” se tornou antiquado na universidade da pesquisa. Os alunos, por seu lado, terminam reproduzindo o estilo pragmático porque assim se sobrevive na academia. O aluno ao escolher um único assunto para realizar o seu Programa de Iniciação Científica (PIC), certamente irá adquirir a linguagem científica ou própria do grupo acadêmico em que o seu orientador está associado, mas certamente estará condenado a ser inculto. Vejamos, agora, sobre os sintomas de ser especialista.

6. A ignorância do especialista

Alguém definiu o especialista como alguém que “sabe tudo sobre nada”. Variante dessa segunda forma de ignorância é o sujeito que, embora tenha conquistado um título de doutor – obviamente defendeu uma tese de doutorado –, comporta-se como ignorante para lidar com as situações do dia a dia, por exemplo: ao descuidar da saúde física e mental que geralmente sofre danos no período do estudo de tese; ser displicente para com a higiene, desleixado na aparência, desrespeitoso no trato social, desinformado sobre assuntos noticiados no cotidiano.

Os alunos ficam perplexos ao perceberem essas contradições em professores especialistas e também ignorantes, sobretudo em aqueles que voltam à atividade de ensino depois de defender a famigerada tese de doutorado. É como estes professores-doutores tivessem perdido um pouco da sua humanidade durante seu período de tese, daí agora se sentir ‘esquizo’ (dividido): entre o ato de pesquisa e o ato de ensino; falar-aula ou escutar os alunos; impor seu saber com arrogância ou procurar estabelecer uma sintonia com os alunos. Se o professor não tiver disposição de fazer autocrítica de sua docência poderá reforçar nos alunos a imagem de ignorante-doutor¹⁶.

É o caso dos professores cujo título de “doutor” funda ou reforça o narcisismo onipotencial “eu sou doutor nisso”. O narcisismo intelectual na dimensão patológica funda sintomas: de arrogância do saber “x” e “a arrogância de que seu saber lhe é suficiente para explicar tudo”. Existe ainda a ignorância de “não querer saber algo mais”, porque seu saber é suficiente, ou o autor y explica tudo. Noutros termos, ainda que a cultura universitária moderna e contemporânea seja desenvolvida com a intenção de conduzir seus estudantes ao conhecimento científico, ela também produz ignorância no sentido de não desenvolver a sabedoria nos formandos.

¹⁶ A sabedoria budista identifica duas formas de ignorância: “a ignorância inata e a ignorância cultural. A ignorância inata é a base do samsara e a característica definidora dos seres comuns. É a ignorância de nossa própria natureza verdadeira e da natureza verdadeira do mundo, e resulta no embaraço com as desilusões da mente dualista” (o texto todo está disponível em: <http://www.dharmamet.com.br/vajrayana/wangyal3.htm>). “Se não formos cuidadosos, os ensinamentos podem ser usados para sustentar nossa ignorância. Alguém pode dizer que é ruim obter uma graduação avançada ou que é errado ter restrições de dieta, mas esta não é a questão. Ou alguém pode dizer que a ignorância é ruim ou que a vida normal é apenas uma estupidez samsárica. Ser apegado a isto ou ser repelido por aquilo é apenas o mesmo velho jogo do dualismo, brincado no reino da ignorância” (Tenzin Wangyal RINPOCHE, 1998).

Mas o pior efeito da ignorância universitária está na produção da violência simbólica, estudada por Pierre Bourdieu. Isto é, a partir do momento em que o universitário domina o código linguístico, ele tanto camufla sua ignorância com um saber paradigmático como a usa “como uma espécie de mandarim” (CATANI et al, 2001, p. 140 – faz referência ao estudo de Prado Junior¹⁷). Assim, o doutor-ignorante estudou muito sobre um determinado objeto, especializou-se em alguma área do conhecimento, e por isso mesmo dispensa o outro saber. Recentemente uma conhecida doutora em educação do Paraná publicou um panfleto estigmatizando o pensamento de Michel Foucault. Para os entendidos, a professora-doutora revelou ignorância sobre o pensamento foucaultiano, neste pequeno texto. Geralmente os professores-doutores aprendem como camuflar sua ignorância (que é inevitável), principalmente com seus pares. Porém, durante o calor das aulas e da pressa para publicar, é preciso ter cuidado para não deixar escapar ignorância, porque ela pode ser reproduzida pelos alunos ou leitores. Nesse sentido é importante a contribuição de Pierre Bayard, com o livro *Como falar dos livros que não lemos?* (2007).

Segundo Mrech (1999), o que induz o especialista a esse tipo de ignorância são as “estruturas de alienação do saber”, definidas como o discurso prévio de cada profissão ou especialidade que se revela em respostas padronizadas, quase mecânicas, usadas para escapar da escuta de outro ou de uma nova ideia mais abrangente. Trata-se de “formas de saber estereotipado que perderam o efeito de possibilitar um contato real entre os sujeitos”. Segundo Mrech, “as estruturas de alienação do saber são formas de ação socialmente determinadas (hábitos, repetições, estereótipos, cláusulas obrigatórias, palavras-chave) que estruturam o que escutar, o que dizer e o que fazer em um determinado momento” (op.cit., p.35). Como seguidor não-consciente das estruturas de alienação do saber, o pesquisador-especialista pode continuar ignorante no investimento da sabedoria prática, como também pode ser ignorante sobre o valor da amizade, saber se relacionar com polidez, saber conversar conforme o ambiente, (LIMA, 2012), etc. Focado no seu status de doutor – ainda que ele recuse o título ou demonstre não ser vaidoso com o “seu saber” – o próprio deixa escapar momentos de arrogância (exemplos: “Eu

¹⁷ Cf.: PRADO JR, Bento. A educação depois de 1980, ou cem anos de ilusão. In: _____ et al. **Os descaminhos da educação**. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 9-30.

aprofundei sobre este assunto na minha tese...”). Arrogância, dogmatismo, palavras agressivas e desrespeitosas principalmente em um doutor revelam ignorância no trato social. Uma forma de suavizar esta forma de ignorância é adquirir coragem para fazer autocrítica, inclusive em público – o que é muito raro no meio universitário brasileiro. E, também, assimilar a polidez (“virtude menor, porém, necessária”, assim observa Comte-Sponville, [1995]), e procurar sempre agir com prudência. Considero a autocrítica, a polidez e a prudência princípios que podem educar o sujeito contra a ignorância.

7. A ignorância na internet

Para Andrew Keen (2009), a internet está se tornando uma “rede de bobagens” (sic), sobretudo para os narcisistas ansiosos que, ao divulgarem suas ideias triviais, se encontram com outros dispostos a trocar trivialidades com uma linguagem cada vez mais cifrada e empobrecida. Pelo tempo gasto e pelo vício nas informações rápidas, rasas e descartáveis, os internautas tendem ao desinteresse pelos assuntos mais profundos ou que exigem uma leitura mais apurada.

A leitura da internet por ser verticalizada causa menos assimilação do que a leitura horizontal dos textos impressos¹⁸. Possivelmente, o viciado nos monólogos cruzados das redes sociais desenvolve uma atitude de distanciamento com as leituras que exigem mais tempo e mais tranquilidade, bem como pode diminuir a disposição intelectual para se pensar e sentir as coisas da vida. “Tolstói e Proust não teriam escrito suas obras-primas se ficassem batendo papo na web”, escreve Walcyr Carrasco (2012). Possivelmente, o viciado em internet afasta-se do convívio social importante para sua formação e socialização real.

A nova geração de alunos que entram na universidade demonstram resistência a ler os textos recomendados; é uma queixa frequente no cotidiano dos docentes, sobretudo nos cursos de humanidades que é imprescindível ler, compreender, contextualizar e aprender a expressar dialogicamente. Quando pedimos que façam um levantamento bibliográfico sobre um assunto a primeira busca é na internet, na Wikipédia, ao invés de irem à biblioteca. Os alunos habituados na internet revelam pouca disposição para estudar os textos impressos,

¹⁸ Estou me baseando numa pesquisa realizada na Universidade do Oregon, EUA, publicada na Folha de S. Paulo. **Leitor 'se engaja' mais na notícia impressa:** em 29/jan/2012.

principalmente se tais textos são os clássicos da literatura e da filosofia ou as últimas publicações nas revistas científicas. Os professores deveriam argumentar “porque ler os clássicos”, apoiando-se no texto de Ítalo Calvino, para que tais alunos ampliem seu horizonte cultural.

Também o professor é pressionado a utilizar as novas tecnologias de comunicação, desde fazer uma web conferência, videoaula, até interagir num ambiente virtual com os alunos em curso presencial. Tal pressão seria bem vinda por si só. Mas, junto com este novo costume eletrônico, vem a sensação de que se deve privilegiar autores e textos contemporâneos, reproduzidos nas mídias em vez de continuar investindo no meio tradicional de publicação, isto é, no papel impresso.

Não pretendo, aqui, dizer que o que é publicado em papel impresso tem mais credibilidade do que o que é publicado nos meios eletrônicos. Em ambos, o pesquisador precisa ter prudência de averiguar a fonte e os critérios que garantem a credibilidade de tal publicação. Todavia, pode-se averiguar que a ignorância vem sendo reproduzida em larga escala nas redes sociais. Uma das formas de ignorância pode ser constatada no empobrecimento da linguagem escrita, no falatório descartável, nos insultos ou xingamentos que passam como resposta de um blog, facebook, twitter, etc. O uso catártico das respostas nada tem a ver com ser crítico, até porque geralmente o xingamento se esconde no anonimato¹⁹.

De uma forma resumida, alertamos sobre a relação ignorância *versus* internet: (a) as publicações disponíveis na internet podem ser interessantes e triviais, originais e plágios, algumas são confiáveis e outras não. Portanto, para realizar uma pesquisa utilizando a rede é imperioso ter prudência para selecionar e discernimento na leitura; (b) A leitura deve ser extremamente cuidadosa dos textos colhidos na internet, preferencialmente a leitura deve ser realizada com textos impressos. Ou seja, há distinção de qualidade entre a leitura do texto impresso e a leitura do mesmo texto na tela eletrônica. A leitura do texto impresso é assimilada duas a três vezes mais do que a leitura rápida, fragmentada ou intercalada com outras colhidas na própria tela eletrônica; (c) Parece que a tela eletrônica tem um poder de fascinação e dependência tóxica (drogadicção ou toxicomania), que leva a pessoa perder sua condição de sujeito para “assujeitado”. Essa passagem para

¹⁹ Selecionei algumas destas críticas:

<http://www.pavablog.com/2011/02/07/redes-sociais-enfrentam-onda-de-ceticismo/>

<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/critica-e-redes-sociais/>

<http://www.slideshare.net/fhguarnieri/anlise-de-redes-sociais-teoria-e-prtica>

assujeitamento à tela eletrônica tende a produzir ignorância iluminada, que sinalizamos anteriormente.

Então, existe uma ambiguidade da informação e no conhecimento capturado na internet que é imperioso sustentar a prudência e empreender pesquisas sobre os seus efeitos positivos e negativos.

8. A ignorância produzida pelo superego pós-moderno

Esta forma de ignorância é especial em relação as anteriores, porque se trata de algo difuso, mas produzida na sociedade em larga escala. Zlavoj Zizek forja o termo “superego pós-moderno” (sic), que parece ser o principal agente psíquico da ignorância dos sujeitos de nossa época. O superego pós-moderno autoriza alunos, professores e pais a serem displicentes ou até avessos em relação à leitura e ao exercício de escrever, à prudência e à polidez.

Diferente do superego freudiano cuja função principal é ser instância moral, em Zizek (1999), o superego pós-moderno ordena “desfrute”, “goze a vida” custe o que custar. No fundo, este superego opera um tipo de ética que vai além do estilo “Zorba, o grego”, do livro de Nikos Kazantzakis. Porque para esse modo de viver (em grego, *éthos*) a leitura, as amizades, o trabalho, não fazem parte do estilo pós-moderno de “gozar a vida”, mas sim, trata-se de adotar uma atitude predadora de desfrutar sem limites tudo que se encontra pela frente: da natureza ou dos seres vivos. Para a mentalidade pós-moderna fundada no liberalismo-permissivo, devemos curtir a vida a qualquer preço, usando todos os meios que dispomos; porque, se não o fizermos, sentiremos culpa.

Zizek nos pergunta: na atualidade liberal-permissiva, estaríamos dispostos a acatar o desejo de uma criança para não ir à escola, não estudar as matérias escolares, não ler nem escrever? As obrigações sempre foram consideradas chatas pelas crianças e adolescentes, mas o diferencial hoje é que os pais se acovardam diante da resistência delas para: arrumar seu quarto, ajudar os pais, fazer tarefas escolares, até mesmo ir à escola. Observa-se que os jovens hoje não se colocam no lugar do pai ou da mãe, da empregada, quando se trata de realizarem tarefas domésticas. Ou seja, existe um defeito no seu dispositivo de empatia, que como sabemos é a capacidade de a pessoa sentir como se fosse a outra. Esta capacidade

é aprendida pela educação dos exemplos, da identificação, da sensibilização diante do sofrimento do outro, etc. Se as crianças atualmente não são empáticas, então, há uma falha na educação e na própria cultura.

O superego no sentido freudiano era forjado pela introjeção da lei-do-pai, e funciona no sujeito como censura moral: “você pode, mas não deve”. Repetindo o já dito, o superego pós-moderno, no sentido empregado por Zizek, ordena “desfrute”, “goze a vida”, “você pode tudo”. Os sujeitos movidos pelo superego pós-moderno se sentem na obrigação de se divertir, de curtirem a vida adoidado, como se fosse uma espécie de dever, e, conseqüentemente, sentem-se culpados quando não conseguem obedecer a essa ordem, ou sentem-se envergonhados quando deixam de acompanhar o ritmo dos colegas na busca frenética para gozar a vida. Assim, “o superego controla a zona na qual esses dois opostos se sobrepõem – na qual a ordem de sentir prazer em cumprir seu dever coincide com o dever de sentir prazer” (ZIZEK, 1999).

Ao contrário do que pensam alguns especialistas, Zizek entende que nossa sociedade está saturada de normas e regulamentos que visam o nosso bem-estar, principalmente o bem-estar das crianças. Às crianças devemos tudo, daí o excesso de mimos, paparicos, guloseimas, e pouca ou nenhuma obrigação. Isto é, vale-tudo para preencher os desejos infantis, supondo que tal preenchimento a deixará plenamente feliz e os adultos sem culpa.

O novo superego também pretende funcionar como muleta para corrigir os efeitos da destituição da autoridade do pai (sistema patriarcal), isto é, o pai “forte”, “provedor”, “exemplo a ser seguido”, “representante da Lei”. E no seu lugar surge um pai “fraco”, “banana”, “castrado”, que muitas vezes “deve” ignorar a Lei ou passar por cima dela, revelando-se um “pai cínico”. No fundo, ainda que pai e mãe sejam reconhecidos como “autoridades parentais”/ “casal parental”, eles não conseguem exercer a plenitude da *autoridade-pai* ou *autoridade-mãe*, porque falta-lhes uma rede simbólica de sustentação na sociedade. O que enfim fica no lugar da autoridade do pai não é a autoridade da mãe, mas sim, o vazio. O que pode advir deste vazio? Tudo? Nada?

Nessa nova ordem familiar – sem autoridade e sem Lei – e no ambiente da sociedade cada vez mais permissiva, criam-se condições para a emergência de uma

nova geração de crianças, adolescentes e jovens *desorientados* (sem referências, sem bússola, perdidos ou sem rede simbólica de sustentação na sociedade).

Freire Costa (1988) analisa o clima destes desorientados:

“o clima de desorientação e ansiedade, os indivíduos tendem a perder, em maior ou menor grau, o sentido de responsabilidade e pertinência sociais, por si já precários nas sociedades burguesas, particularmente naquelas subdesenvolvidas como a nossa” (p.166).

Os desorientados colocam em risco a sobrevivência da sociedade quando passam a operar com a “razão cínica”, termo que Zizek e Freire Costa (1988) pedem emprestado a Peter Sloterdijk. A razão cínica caminha aparentemente ao lado da razão crítica. Enquanto a razão crítica afirma o uso da violência legitimada, como sendo um atributo essencial e universal, portanto, sem incentivar mais violência ou violência fora-da-lei, a razão cínica instiga a todos para que subscrevam a moral da violência, que ele decretou como universal e verdadeira. O cinismo convoca, assim, todos para uma prática social que parece ignorância, mas não é: trata-se do cinismo elaborado como razão para mais violência ou legitimação da violência existente pseudojustificando como “é normal” ou “é cultural”. É como convocar: “sejamos todos ‘fora-da-lei’”. Este texto de Freire Costa (*Narcisismo em tempos sombrios*) foi escrito em 1988, que se inspirava num escrito de S. Zizek (*Sur le pouvoir politique et les mécanismes idéologiques*) sobre a razão cínica Zizek. Em 1992, é publicado no Brasil *Eles não sabem o que fazem*. É retomado o cinismo na análise de *O superego pós-moderno* em 1995. Estas análises são imprescindíveis para entender o sentido da explosão dos jovens que alastrou os incêndios de carros na periferia de Paris, em 2005, e dos saques no Reino Unido, em 2011. Neste ano, 2011, Zizek publica “Saqueadores, uni-vos”, parafraseando com tom irônico o final do Manifesto Comunista “Proletários do mundo, uni-vos”.

Para os analistas conservadores, o vandalismo desse tipo só tem uma solução: mais disciplina, trabalho árduo e senso de responsabilidade. Para os analistas de esquerda, observa Zizek (2011) “previsivelmente, [a esquerda liberal] se apegaram a seu mantra sobre o descaso em que caíram os programas sociais e iniciativas de integração: explosões de violência são os únicos meios que possuem para articular sua insatisfação”. O que está errado nestas análises, para Zizek, não é apenas que ambas ignoram a situação social desesperadora que empurra os

jovens a lançar-se em explosões violentas, mas que ignoram o modo como essas explosões ecoam as premissas ocultas e seu sentido, no fundo, conservador.

Nesse sentido, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em entrevista, caracterizou os tumultos como atos de jovens desejosos também para serem incluídos como “consumidores”. Portanto, parece predominar nestes movimentos explosivos não a razão crítica, nada tem a ver com revolução, também eles não têm projeto de reforma da sociedade. Eles simplesmente responderam com a razão *cínica* nos seguintes termos: “Vocês nos mandam consumir e ao mesmo tempo nos privam dos meios de fazê-lo apropriadamente – então estamos aqui, consumindo do jeito que conseguimos!” (ZIZEK, 2011). Então, especialmente o movimento dos jovens em Londres, em 2011, “foram uma manifestação de um desejo de consumo concretizado violentamente quando foi incapaz de se realizar da maneira ‘apropriada’, ou seja, fazendo compras” (ZIZEK, 2011).

Como tais, os tumultos também contêm um momento de protesto genuíno, sob a forma de uma resposta irônica à ideologia do consumo. Cá entre nós: estamos novamente no campo da ambiguidade: eles agiram com “ignorância”, porque saquearam apenas objetos de grifes famosas ou queimaram lojas da sua própria comunidade e também com tais atos enviaram uma mensagem cínica, tal como é citado entre aspas, acima.

Será que vivemos um futuro presentificado em sintomas psicossociais, como as explosões sociais ocorridas na França em 2005 e em Londres em 2011? O que mais nos aguarda: uma nova geração sem limites, que vale-tudo? Afinal, uma geração submetida ao superego pós-moderno, que contribuição pode dar para a sociedade?

Considerações finais

Podemos continuamente estudar, ler bons livros, frequentar diversos cursos, mas jamais teremos acesso a todo saber. Por seu lado, na subjetividade humana sempre haverá um resto de ignorância, isto é, algo que sempre escapará à educação. Porque o não-sabido (inconsciente) tem o sentido de ambiguidade: ser um depositário do saber acumulado do sujeito e também ser um saber-que-não-se-sabe (MANNONI, 1989).

A ignorância sábia do filósofo que diz “sei que nada sei”, nos parece a atitude mais sensata para aprimorarmos nosso conhecimento e desenvolvermos a sabedoria. Vivemos a era dos extremos, das incertezas, dos absurdos e também das possibilidades. O ser humano contemporâneo vive dilemas, desafios e pressões para gozar a qualquer preço, porque se tornou um “homem sem gravidade” (MELMAN, 2003).

Suportamos o avanço da ciência e da tecnologia ao lado da ignorância real e virtual. Vivemos numa era de Tântalo, aquele personagem da mitologia grega que foi castigado a estar imerso na água até o pescoço, mas ficou impedido de matar sua sede e de comer os frutos dos galhos das árvores que balançavam sobre sua cabeça. Estamos tão imersos nas informações e nos conhecimentos sobre tudo, que não sacia mas angustia, fundam-se novas patologias psíquicas ou reedição das patologias antigas.

Atualmente, a abundância de telas eletrônicas com suas imagens, informações e conhecimentos paradoxalmente podem gerar ignorância e confusão individual ou coletiva. Porque nem todos estão preparados para saber escolher e discernir sobre a melhor forma de fazer uso dos conhecimentos e das informações.

Como já foi dito, a proclamada sociedade do conhecimento é uma ilusão; no fundo, resta-lhe apenas informação abundante, para a qual nem todos têm acesso. E é este aspecto que nos guiou neste ensaio. Nossa preocupação maior, em síntese, foi fundamentar em que medida se torna imprescindível a contribuição da psicanálise e da educação, para superarmos algumas formas de ignorância. O interregno que ora vivemos aponta uma luz numa nova educação comprometida com o sujeito dividido em consciente e inconsciente; uma nova educação na qual o ser humano investe no seu processo de esclarecimento.

Referências

ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES, R. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 2001.

ARCOVERDE, Y. **O Diário do Norte do Paraná**, Cad. A-9, 22/03/2009.

BARROS, M. **O Livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAYARD, P. **Como falar dos livros que não lemos?** Rio de Janeiro: 2007.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.
- BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1975.
- CARRASCO, W. Viciados em internet. **Época**, 20/01/2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/vida/walcyr-carrasco/noticia/2012/01/viciados-em-internet.html>
- CARVALHO, J.M. "Cidadãos ativos: a revolta da vacina". Cap.4. In: **Os bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CATANI, A. et al. Pierre Bourdieu: as leituras de sua obra no campo educacional brasileiro. In: **Sociologia para educadores**. Col. Educação & Sociedade, (8). Rio de Janeiro: Quartet, 2001, pp. 127-160.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: 2000.
- CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador na contradição. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n.30, p.17-31, julho/dezembro 2008.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CHEMAMA, R. (org.). **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- COTTET, S. **Freud e o desejo do psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FERNANDEZ, A. **A mulher escondida na professora**: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE COSTA, J. Narcisismo em tempo sombrios. In: **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1988, p. 151-174.

FREITAS, L. **A produção da ignorância na escola**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREUD, S. Psicanálise 'silvestre'. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 206-213.

KANT, I. **Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"? [Aufklärung]? Textos seletos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KEEN, A. **Entrevista à Veja**, 25/09/2009. Livro: "O culto do amador". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KURZ, R. A ignorância da sociedade do conhecimento. In: **Folha de S. Paulo**, 2002.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LIMA, Raymundo. **A educação no Brasil: o pensamento e atuação de José Mário Pires Azanha**. 2005. 296 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LIMA, R. *O declínio da conversação na universidade contemporânea*. **Rev.Espaço Acadêmico**, n. 133, ano 12, julho/2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17814/9467>>

MANNONI, M. **Um saber que não se sabe**: a experiência analítica. Campinas: Papyrus, 1989.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Entrevistas p/ J-P. Lebrun. Rio de Janeiro: Caderno de Freud. 2003.

MIDLIN, J. **Uma doença que faz sentir bem**. Jornal da USP, 12 a 18/04/2004, p. 10. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2007/ju371pag6-7.html

MRECH, L. **Psicanálise e educação**: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999.

PEREIRA, M. R. O avesso de uma paixão. In: **Dossiê "Psicanálise e Educação"**. Organizado por Sérgio Sklar. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, nº 120, Maio/2011.

PINSKI, J. Disponível no seu blog: <<http://www.jaimepinsky.com.br/site/main.php?page=index>> Acesso em: 16/02/2009.

QUINET, A. **As 4+1**: Condições de análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

RINPOCHE, T. W. Disponível em: <<http://www.dharmanet.com.br/vajrayana/wangyal3.htm>>

VEIGA-NETO, A.J. De geometrias, currículo e diferenças. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 79, p. 163-186, ago. 2002.

WOOD, J.k. Efeito de grupo. **Estudos de Psicologia**, n.2 e 3, ago-dez/1985.

ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ZIZEK, S. O superego pós-moderno. **Folha de S. Paulo – Mais!** 23/ maio/ 1999, p. 5-8.

Nota sobre o autor

Professor adjunto do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá.